

Editorial

Este número da revista *Desenredo* do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, ao tratar do tema “Estudos linguísticos e estudos literários: interfaces” explicita a preocupação do PPGL com a construção de uma unidade do objeto de estudo texto/discurso, em vista da necessidade de se tratar a leitura e a escrita tanto para o uso no mundo do trabalho quanto para a utilização como lazer, como prazer. A apropriação desses dois usos da linguagem é cada vez mais essencial ao equilíbrio do ser humano, diante da exigência de manter-se atualizado, de competir, sem perder, contudo, a sensibilidade que torna a ação humana fraterna. Nessa direção, os estudos que seguem contribuem de diferentes modos e perspectivas nesse esmiuçar dos vários níveis de análise linguística, textual e discursiva, para o entendimento mais científico, menos intuitivo, desse objeto de estudo, como se poderá constatar pela leitura dos artigos que compõem este número da revista.

Marion Carel em “Análise semântica e análise textual”, mostra a importância das próprias estruturas, isto é, a sua capacidade de evocar argumentações fundadas sobre seus próprios termos, na determinação do sentido de nossos discursos. Trata primeiramente da ambivalência argumentativa de nossos enunciados, mostrando o quanto são variáveis as posições sintáticas dos termos sobre os quais se fundam as argumentações evocadas. A parte seguinte é dedicada aos meios linguísticos de resolver essa ambivalência argumentativa, e em particular ao papel que a organização textual tem na determinação da interpretação argumentativa dos enunciados. O estudo se apoia na fábula de La Fontaine, *O leão e o rato*.

Em “Semântica global e os planos constitutivos do discurso: a voz feminina na literatura de Rubem Fonseca”, Ernani Cesar de Freitas e Débora Facin apresentam uma interface entre a teoria enunciativo-discursiva e a escrita literária, analisando e descrevendo o *ethos* discursivo depreendido do conto intitulado *Francisca*. Tal aproximação se justifica pelo fato de que todo discurso literário é configurado por uma cenografia, condição que valida a narrativa e define o estatuto de enunciador e coenunciador. O estudo embasa-se na tese de Maingueneau (2004, 2008, 2010), quanto à abordagem de ordem linguística, e no *Discurso literário*, em que Maingueneau (2006) trata de propriedades que singularizam a escrita literária. Os procedimentos metodológicos utilizados correspondem à identificação das marcas deixadas no discurso.

Fabiane Verardi Burlamaque e Deisi Luzia Zanatta, em “Uma interface entre signo linguístico e o romance *O despertar*, de Kate Chopin”, analisam e descrevem o ponto de ligação entre a teoria do signo linguístico proposto por Saussure (1916) e o romance de

Kate Chopin. De acordo com a base teórica, o romance é entendido, nesse artigo, como uma estrutura, bem como o funcionamento da língua, proposto pelo mestre genebrino, tendo como contribuições teóricas os pressupostos de Bakhtin (1988, 1988b), Benveniste (1995), Carvalho (2003), Marcuschi (2002) e Saussure (1996). A pesquisa mostrou que essa ligação é concebida de acordo com o princípio da arbitrariedade em que o romance de Chopin é entendido como uma estrutura que compreende uma representação textual e linguística (significante) e uma finalidade social (significado). A relação com a imutabilidade ocorre quando o romance não pode ser modificado pela sociedade leitora, fazendo com que sua finalidade social permaneça estável. Já a mutabilidade permite que alguns intelectuais aperfeiçoem o gênero por meio da representação textual e linguística já existente, como também a evolução do romance através do tempo. As características da imutabilidade e mutabilidade também condizem com o discurso de emancipação da protagonista de *O despertar*, pois sua voz muda da anulação à emancipação, fazendo com que seu discurso emancipatório se torne imutável ao final do romance. No que diz respeito à diacronia e sincronia, a relevância ocorre ao estudarmos o romance em questão e sua evolução através do tempo, em razão dos motivos que o relegaram e o fizeram renascer das cinzas, chegando até a contemporaneidade, exercendo fundamental importância para os estudos feministas. Mas também é possível estudá-lo num determinado momento do tempo, ressaltando sua importância somente para dias atuais.

O texto de Gessélda Somavilla Farencena e de Cristiane Fuzer, “Recursos de transitividade e avaliatividade na construção de representações nas fábulas *O velho e a morte*, de Esopo, e *O miserável e a morte*, de Millôr Fernandes”, tem o objetivo de verificar como as escolhas linguísticas representam os personagens principais no par de fábulas em questão e qual a relação dessas representações com os contextos de produção dos textos. Nesse sentido, são utilizados aspectos teóricos do sistema de transitividade de Halliday e Matthiessen (2004) e do sistema de avaliatividade de Martin e White (2005) e da noção de Representação social de Moscovici (2009). Da análise, concluem as autoras que, em ambas as fábulas, destaca-se o uso da linguagem como recurso para livrar-se da morte, ainda que sem êxito, pelo menos na fábula de Millôr Fernandes, visto que o *velho* acaba morrendo. A partir disso, inferem a importância da representação atribuída à linguagem por Esopo e Millôr como uma ferramenta de defesa e de possível mudança de comportamento.

Kelcilene Grácia-Rodrigues e Rauer Ribeiro Rodrigues, em “A metáfora em Manoel de Barros e Guimarães Rosa”, mostram que o discurso das poesias de Manoel de Barros e o das narrativas de Guimarães Rosa constroem estilos poéticos erigidos, em muito, a partir do tropos imagético. Em Barros, a metáfora instaura – valendo-se de rupturas semânticas, fragmentação de frases, montagem caótica de versos, ausência de semelhança causal entre as coisas – significação que subverte o real como denúncia da coisificação do homem por sociedade desumanizadora que precisa, urgentemente, ser modificada, subvertida, revolucionada. Em Rosa, a metáfora surge, quase sempre, na reiteração de imagens, embalada por onomatopeias, crispada por neologismos, amplificada por subversiva sintaxe, em jogo lúdico que exprime o *ethos* poético e a ética do autor.

“Da língua a contar à boca do conto Grande Sertão: Veredas, de Guimarães Rosa”, de Marcus Alexandre Motta e Gloria Regina Amaral, propõe uma leitura dessa obra como aventura de travessia da língua portuguesa. A travessia na história da língua é pensada como condição humana que retroage à ideia de que a língua das histórias, de Riobaldo, por exemplo, existe como um balanço de sua espécie linguística; isso se relaciona a um saber cúmplice com arte de contar; pois quem se destina a contar atravessa, corta, fura espaços e tempos, a partir da conspiração do destino do ato de contar. Nesse sentido, o texto, segundo as autoras, reconhece um modo de ser independente como apresentação da vida, como um parir mundo, mais ou menos lutuoso – como se houvera maneira de tomá-lo, o que humanamente equivaleria desejá-lo. Quer dizer, contá-lo na Boca, dar início, começo, à voz que a língua é.

O artigo “Língua e literatura: espaços de criações identitárias”, de Maria Eduarda Giering e Renata Trindade Severo, procura mostrar a maneira como a paratopia é manifestada discursivamente na obra *O último voo do flamingo*, do escritor moçambicano Mia Couto. Focaliza a manifestação paratópica que se verifica nas criações lexicais produzidas no nível semiolinguístico dessa obra literária, percebida como uma enunciação no âmbito de um “discurso constituinte”. A partir da teoria Semiolinguística, de Patrick Charaudeau, e tendo em mente os espaços (interno e externo), os níveis e os sujeitos do ato de comunicação, o trabalho pensa o discurso literário e sua realização enunciativa como resultado de um complexo tecido social e linguageiro, em que é preciso considerar “as características dos comportamentos linguageiros (o ‘como dizer’) em função das condições psicossociais que os restringem segundo os tipos de situações de troca (os ‘contratos’)” (CHARAUDEAU, 2005, p. 21).

O texto “A construção de sentidos do texto literário via processos de recategorização licenciados por metáforas e metonímias”, de Silvana Maria Calixto de Lima, propõe a leitura do poema *Quando eu morrer*, de Castro Alves, a partir da descrição de processos de recategorização licenciados por metáforas e metonímias. O aporte teórico básico da proposta provém da Linguística de Texto e da Linguística Cognitiva, áreas que dão sustentação à concepção cognitivo-discursiva de recategorização assumida no presente trabalho, conforme Lima (2009). Compreende-se que a explicitação do mecanismo linguístico da recategorização, da forma como aqui se procede, pode ser muito produtiva para trazer à cena toda a complexidade e riqueza do texto literário, cuja tessitura se faz num jogo cadenciado de expressões linguísticas que extrapola o nível da própria materialidade do texto. A recategorização é, portanto, um processo fundamental para a progressão temática do poema analisado, funcionando como uma das peças-chave para a consequente construção de sentidos.

O trabalho “A escrita epistolar como prosa de ficção: as cartas do jornalista Miguel Lopes do Sacramento Gama”, de Socorro de Fátima Pacífico Barbosa, revela que, lidas como testemunho verídico e objetivo do tempo presente, as cartas do padre Miguel do Sacramento Lopes Gama, publicadas nos jornais, notadamente em *O Carapuceiro*, têm sido apropriadas por historiadores da literatura, ou como reflexo do temperamento do

homem polêmico, ou como fruto de plágios ao jornal inglês *The Spectator*, sem considerar esses escritos como objetos regrados por normas de escrita e de leitura, que incluíam regras de decoro que adaptavam os escritos aos assuntos e aos leitores. O artigo demonstra, pela análise de cartas do jornalista, as formas como esse gênero se constituiu como escrita ficcional, modulada pelas regras da retórica.

O artigo “Leitura argumentativa e polifônica de Amores possíveis: de onde brota o riso?”, de Telisa Furlanetto Graeff, realiza uma análise argumentativa e polifônica da narrativa *Amores possíveis XXX*, de José Roberto Torero, com base em conceitos e princípios da Teoria dos Blocos Semânticos e especialmente da teoria da Argumentação Polifônica (CAREL; DUCROT, 2010; CAREL, 2010, 2011), que considera, em sua matriz de sentido, a atitude do locutor frente ao conteúdo introduzido, o qual pode ser *posto*, *acordado* ou *excluído*; o modo de aparição desse conteúdo, concebido, recebido ou encontrado, conforme a Pessoa que o garante, como o locutor (L), o interlocutor (TU), a opinião pública (SE), o MUNDO, a voz do AUSENTE. A autora constata que o locutor põe em contraste dois modos de aparição do conteúdo argumentativo, o encontrado e o recebido, surpreendendo o leitor que ri, ao perceber a diferença de entre o conteúdo garantido pela Pessoa Mundo e pela Pessoa Ausente.

A temática deste segundo número do sétimo volume da revista *Desenredo*, muito mais que uma escolha aleatória, resulta da séria necessidade de que se reflita não apenas sobre o objeto de estudo, seja este pertencente a um *corpus* literário, seja de outros domínios além dos artísticos. O tema parte de uma demanda pela qual se atualizam estudos linguísticos e literários, a partir de um manancial em que coexistem diferentes aportes teóricos. Nesse sentido, este número é constituído pela natureza interdisciplinar que deve orientar os estudos da linguagem, abordagens que não se fundem, mas que, mutuamente, contribuem para o conhecimento do objeto texto/discurso. Agradecemos aos autores dos artigos pela importante participação neste projeto, que é base mesma da concepção e constituição dialógica do Programa de Pós-Graduação em Letras da UPF.

Os organizadores
Miguel Rettenmaier
Telisa Furlanetto Graeff